

Desde que a pecuária começou a fazer uso do conceito de integração, muitos produtores rurais viram os números de seus negócios melhorarem consideravelmente em decorrência de vários fatores. Diversificação da renda, melhoria da qualidade do solo, redução do consumo de água pelos animais, recuperação de áreas degradadas, entre outros, são algumas das vantagens desses sistemas, que conquistam cada vez mais espaço. Hoje, já são quase 12 milhões de hectares ocupados pelos sistemas integrados de produção agropecuário-florestal (ILPF), por exemplo.

Em recente pesquisa, ficou comprovado que, além disso, a integração pode ser benéfica também para evolução genética de um rebanho. O estudo, premiado internacionalmente, comprovou que a integração do pasto com árvores faz com que conforto térmico seja maior, aumentando a eficiência reprodutiva dos animais, o que pode acelerar a evolução genética do rebanho como um todo.

Sempre que a temperatura do corpo do gado leiteiro ou de corte aumenta, uma série de consequências negativas se desdobra. Quando um animal sente desconforto devido ao calor, ele começa a produzir uma quantidade maior de cortisol, um hormônio diretamente relacionado ao estresse. Segundo os pesquisadores, o aumento da concentração desse hormônio faz com que os animais se alimentem menos, o que prejudica significativamente a produção. Em um animal de corte, há menos crescimento e, portanto, menos produtividade.

Do ponto de vista reprodutivo, os altos indicadores



corporais térmicos representam danos ao produtor. Por exemplo, quando a temperatura do corpo de um touro aumenta, a temperatura interna dos testículos também aumenta. Isso causa menor qualidade de sêmen. Nas fêmeas, o processo é semelhante. Quando a temperatura interna aumenta, os óócitos produzidos são de baixa qualidade, o que muitas vezes dificulta a fertilização.

Se ocorrida a fertilização, o embrião requer condições favoráveis para o seu desenvolvimento e uma temperatura ideal é uma delas. O feto é altamente sensível a oscilações térmicas e pode até morrer precocemente, antes que os profissionais que acompanham a gestação percebam isso. Além disso, em situações em que há estresse durante a fase gestacional, o desenvolvimento e a funcionalidade da placenta são prejudicados e o feto pode ser malformado.

A pesquisa foi conduzida pelo pesquisador Alexandre Rossetto Garcia, da Embrapa, que trabalha com biotecnologia de reprodução animal e é membro de uma equipe multidisciplinar que vem comparando a pecuária



Pesquisador Alexandre Rossetto Garcia trabalha com biotecnologia de reprodução animal